

1 INTRODUÇÃO: CONTAR PARA ADIAR A MORTE

Não tinha ainda terminado a narrativa quando o dia começou a aparecer. Xerazade calou-se. O rei, visivelmente intrigado, perguntava-se como fazer para conhecer o fim da história. Quando Duniyade percebeu a luz da aurora, exclamou:

- Ó minha irmã, como é bela sua história. É maravilhosa!

- O que você acaba de ouvir – insinuou a narradora – não é nada comparado ao que proponho a revelar na próxima noite... se permanecer viva e se o rei me conceder mais tempo para poder contá-lo. Minha história comporta na verdade numerosos episódios, mais belos e mais maravilhosos ainda do que esses com que regalei a ambos.

Khawam, 1994, p.57.

Contar. Nas Mil e uma noites, Scherazade buscou adiar a morte inscrita no horizonte de todas as mulheres desposadas pelo rei Xeriar, convicto de que sua vingança com sua esposa – que o traiu – deveria voltar-se a todas as mulheres do reino. A cada noite, o rei deitava-se com uma dama e pela manhã obrigava o vizir a executá-la. Scherazade, uma bela filha do vizir, acostumou-se a ler e compreender livros de diferentes naturezas, a ponto de ter se sentido preparada para salvar o reino dos infortúnios forjados pela vingança implacável de um rei ferido moralmente. Indo ao leito de núpcias, junto com sua irmã mais nova, que já sabia do intento da moça desposada de interromper a matança iniciada pelo rei, Scherazade inicia uma série de histórias que se desenrolam até o amanhecer, despertando a curiosidade do rei vingativo que, a cada suspensão da narrativa, se deixa levar pelo ritmo do que é contado pela dama. Scherazade salva a si mesma e a todas as possíveis esposas do rei Xeriar da morte iminente. Fortalecida pelo propósito de adiar a morte, ela a venceu provisoriamente e garantiu as mil e uma noites que dissolveram a inquietação do rei. As histórias de Scherazade envolveram o rei, pois no ápice das aventuras narradas, a luz da manhã impedia que a narrativa prosseguisse, concedendo mais um dia de vida à narradora, produto da sedução que as histórias provocavam em seus ouvintes.

Scherazade é um arquétipo do narrador, figura emblemática das sociedades artesanais, que se nutria de um tempo amplo e irreprimível que se condensava na multiplicação de narrativas que abrigavam, silenciosa e anonimamente, os seus prováveis autores. Mercadores, viajantes, homens corajosos, jovens em perigo,

estrangeiros, filhos pródigos, gênios e lâmpadas se avolumavam nas histórias descritas pormenorizadamente por Scherazade. Os autores das intensas aventuras contadas por ela jaziam no silêncio e ressuscitavam, através das palavras. Assim também nas histórias de outros antigos narradores, que ambicionavam salvar do esquecimento o que ficaram sabendo por percorrer distâncias e tempos inacabados, já que revistos pela audiência que escutava atenta ao que se dizia.

Contar uma história estava submetido ao encontro entre os vivos e os mortos, entre a vida e a morte. A dama que nunca deveria ser desposada era a própria morte, inscrita, de forma mágica e definitiva naquilo que era contado. Os narradores se extinguíam, geração após geração, mas suas palavras eram transmitidas como anéis que se passam entre as mãos de coletividades impregnadas da circularidade da tradição.

Evidentemente que a transmissibilidade da tradição sofreu duros golpes com o advento de novas forças produtivas, que não permitiam mais que o tédio, um pássaro de sonho, chocasse os ovos da experiência (Benjamin, 1993). As coisas foram gradativamente perdendo a sua importância para os homens, que não ouviam mais os seus apelos, que não reconheciam mais nos animais ou nos fenômenos da natureza uma linguagem que necessitava ser traduzida pela linguagem humana. O elo indissociável que unia gerações foi rompido pelo advento de formas modernas de comunicação, destituindo a breve memória dos antigos narradores de sua posição privilegiada em relação à temporalidade da produção artesanal.

Kafka (2002), no entanto, reviu em sua obra a impossibilidade de transmissão da tradição, forjando personagens que não espelham mais o lado épico da verdade, a sabedoria (Benjamin, 1993). Vagando por entre muralhas e distâncias que nunca serão definitivamente percorridas, submetidas ao jugo da incompreensão e da burocracia, suas personagens soam o lamento do esgarçamento de uma tradição que, mesmo que fosse transmitida, não seria mais compreendida por seus ouvintes. Lembre-se, por exemplo, da história do caçador Graco em uma de suas enigmáticas narrativas, impossibilitado de morrer, vagando entre localidades que não acatavam a sua necessidade de cerrar, definitivamente, os olhos. O conto remete à expiação de uma culpa da qual não se sabe quem é o autor. A impossibilidade de morrer, experimentada de forma agonizante por Graco, funda a impossibilidade de transmissão de uma experiência. O “grande

caçador da Floresta Negra” vaga sem pouso definitivo no reino dos mortos, na fronteira entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Mesma impossibilidade experimentada pelas personagens de José Saramago (2005) no início de sua narrativa sobre a ausência da morte num país imaginário na sugestiva obra As intermitências da morte.

Todos os textos citados, no entanto, acabaram chegando até o presente. Das aventuras das personagens das mil e uma noites ao infortúnio de Graco, passando pela inicial alegria de um país que parece ter sido abandonado pela morte, chega a resolução material do “escrito”, como elemento indispensável à sobrevivência das coisas e das experiências das coletividades humanas. Escrever, a partir do advento da cultura letrada, também se tornou um exercício de adiamento ou de problematização da morte e do morrer. No mundo contemporâneo, as existências coletivas têm sido subjugadas aos modelos de produtividade e de jovialidade que transitam por diferentes meios de comunicação de massa, enunciando a triste fisionomia dos tempos atuais. No entanto, o exercício da escrita – no caso em questão, acadêmica – deve garantir, também, uma resposta responsável aos problemas da finitude e da transitoriedade dos homens e do mundo forjado por eles.

Sabe-se que a transitoriedade da existência individual foi problematizada por autores de diferentes tradições intelectuais. Nestas tradições, dá-se diferentes sentidos à morte, como aqueles que se pode depreender da reflexão de Walter Benjamin (1993) sobre a extinção da arte de narrar nas sociedades modernas. Atônitos – diz o autor – os sobreviventes da Primeira Guerra Mundial voltaram mudos dos campos de batalha para o convívio com os seus parentes e amigos. A geração do início do século XX que havia se acostumado a ir à escola num bonde puxado à cavalo tinha aprendido de uma forma contundente, o peso da sua própria época, um lapso de tempo frágil a partir do qual muitos já percebiam o início de um novo conflito mundial.

O trabalho a seguir inspira-se no trabalho original de Walter Benjamin acerca da caracterização da história a partir das urgências impostas pelas sociedades modernas. Benjamin evocou, em seu trabalho, a obra de muitos literatos, pensadores, representantes de movimentos estéticos a fim de compreender teoricamente o estatuto do presente histórico, recuperando a tradição de pensamento que funda a filosofia ocidental a fim de instaurar uma metafísica

da transitoriedade. Inspirado, evidentemente, pela obra de Baudelaire (1993) que em O pintor da vida moderna sugere que o estudioso da vida moderna “(...) *retira da moda aquilo que ela pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório*” (p.21), Benjamin procura, em sua obra, citar o presente, recuperando-o de sua certa extinção. E como recuperar o que é transitório no exercício filosófico? Abrindo mão de usar o pronome pessoal “eu”, a não ser que, através de reminiscências, se possa aceder ao histórico, ao passado coletivo, ao que poderia ter sido diferente do que foi.

A fim de estabelecer seu projeto ambicioso em relação à Modernidade, Benjamin tratou com esmero a escrita, mesmo tendo sido marcado profundamente pelo “corcudinha”, personagem a que sua mãe fazia continuamente menção quando o menino Benjamin cometia algum erro ou esbarrava em alguma coisa em seu caminho. O “corcundinha” ou o “sem jeito” marcou indelevelmente a vida e obra de um pensador difícil de ser alocado em alguma fileira definitiva de escola filosófica. No entanto, como não estar marcado num mundo que elegeu seus inimigos, numa civilização que prima pela junção entre cultura e barbárie e num contexto em que o que se faz tem de ser útil imediatamente para as formas de pensar hegemônicas? Benjamin foi um judeu alemão que deu cabo de sua existência em 1940, ao ser impedido de passar pela travessia clandestina entre a França e a Espanha – o que permitiria que ele e um grupo que o acompanhava conseguisse chegar à Portugal e daí atravessar o Atlântico em direção aos Estados Unidos –, a fim de fugir da perseguição dos nazistas. No entanto, sua obra perdura de forma definitiva no pensamento contemporâneo, talvez por que se esteja vivendo um novo tempo sombrio e talvez por que sua obra tenha necessitado de novas audiências que possam redescobri-la, comentá-la, evocá-la, submetê-la aos questionamentos articulados no presente. Como é tentador espriar-se sobre os escritos de Benjamin e de alguns de seus comentadores, o que já seria um trabalho árduo e confortador. Sua obra, ou melhor, uma parte dela é evocada no presente trabalho, pois o autor fornece alguns instrumentos legítimos para a compreensão da atualidade, ao mesmo tempo em que pode ser “redescoberta” a partir de problemas atuais, que não necessariamente passaram pela reflexão do autor.

Aplicar sua obra sobre o “presente” continua sendo extremamente vago ou ambicioso. Sobre que aspecto do presente, finalmente? A respeito da noção de

experiência, questão a que se voltou a obra benjaminiana em diferentes momentos de sua composição, carregando as transformações intelectuais e históricas pelas quais tinha atravessado o pensamento. O tema da experiência é apresentado no primeiro capítulo, em que a obra de Walter Benjamin ocupa um lugar privilegiado, pois sua reflexão foi articulada a partir de um “pessimismo” em relação a sua própria época sem deixar de ser fiel a ela, ou melhor, a fidelidade à sua época se dava exatamente através do seu pessimismo, que se expressava como modo original de defender uma ciência histórica que abdicasse de servir os despojos dos vencidos aos olhos dos vencedores, estatuto conquistado pela classe dominante e seus diferentes representantes históricos. Para articular uma ciência histórica imbuída de forte sensibilidade, Benjamin teve de abrigar-se fora da “casa dos seus pais”, ou seja, fora da tradição corrente de pensamento que ora o entendia como um estudioso da mística judaica ora como um pensador marxista. Benjamin conseguiu conciliar, poeticamente, diferentes perspectivas sobre o tempo histórico, informado pela idéia do “messiânico mesmo” e, portanto da salvação e, também, pela necessidade teórica de instituir uma concepção de história que correspondesse à revolução que o marxismo implicava no pensamento ocidental. O primeiro capítulo foi estruturado de forma a tornar visível a compreensão de Walter Benjamin sobre a história e sobre a noção de experiência, temas revestidos pela sua preocupação central de articular uma forma de escrita que não abatesse a natureza transitória dos objetos históricos que seriam a morada da verdade. O esforço intelectual de Benjamin se deu no sentido de, através do abrigo tecido pelo texto escrito, garantir a restituição do caráter imagético da verdade. Muitas questões podem ser levantadas a partir de um itinerário intelectual tão denso, mas a principal questão do início do presente trabalho é compreender que estatuto a noção de experiência tem no pensamento de Benjamin, ao mesmo tempo em que se tenciona a apropriação dessa discussão para o estudo de sociabilidades articuladas entre homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens.

Após a apresentação da reflexão de Benjamin sobre a história e a noção de experiência, o trabalho se volta, no capítulo 2, a uma discussão sobre a personagem do *flanêur*, tomada de empréstimo pelo próprio Benjamin a fim de compreender a percepção positiva que Baudelaire construiu sobre a Modernidade. A arte de se perder nas cidades era exercitada de forma apaixonada pelo próprio

Benjamin, que buscava também restituir traços de uma época extinta – o século XIX – para os jovens que ouviam suas transmissões radiofônicas e para os leitores que se indagavam sobre a sua própria experiência da infância, já que o autor utilizou, de forma excêntrica, o pronome “eu” em aforismos e imagens de infância que correspondem à sensação de limiar experimentada pelas crianças e pelo próprio pensador na época histórica em que transcorreu sua existência. O rumo da prosa e da poesia de Baudelaire informou o exercício da escrita do próprio Benjamin, já que o mesmo construiu textos aparentemente fragmentados em que se tem a nítida impressão de se estar esbarrando com a materialidade de uma época. Quando ele evoca a importância das citações em seu trabalho, por exemplo, seu pensamento remete o leitor aos reclames publicitários e às palavras que inundavam as cidades no final do século XIX e início do século passado. O próprio Benjamin realizou uma *flanerie* através de seus textos que querem “mostrar” a fisionomia de uma época, resguardando o projeto filosófico de encontrar no histórico, a morada da verdade.

O segundo capítulo também se remete ao trabalho de Benjamin sobre Baudelaire e, apresenta, pela primeira vez, as imagens construídas através da pesquisa realizada: imagens lembradas de deambulações do pesquisador por distintas cidades do Rio de Janeiro em que se encontram lugares ocupados pelas sociabilidades entre homens que se relacionam com homens. A ambição do segundo capítulo é justificar que o próprio trabalho seja uma *flanerie* que sustenta o caráter intermitente do texto, ou seja, seu ritmo entre coisas e conceitos. O objeto principal da pesquisa é a experiência homossexual masculina contemporânea, enfocada em sua presença cotidiana na materialidade de diferentes espaços sociais. A abordagem sobre a experiência não visa a uma caracterização definitiva dos sujeitos homossexuais, mas a uma problematização da sua contingência e a uma defesa da sua intensidade. Informado pela leitura de Benjamin, o autor do presente texto buscou re-situar, através da escrita, o que ele viu e reviu nas cidades em que deambulou – e deambula – há mais de uma década, para defender a historicidade das formas de se tornar sujeito na experiência homossexual. Evidentemente que as imagens são frágeis “passaportes” para a totalidade do projeto, que é dialogar com a atualidade das práticas entre homens. Flanar pelas cidades que serão citadas no capítulo 2 foi o principal impulso para a construção das imagens que revelam, de acordo com a pesquisa atual, a tensão

entre épocas históricas diferentes, a materialidade da cidade na composição das subjetividades e a historicidade/efetividade dos afetos desenvolvidos entre homens que se encontram nos lugares construídos e inventados coletivamente para a instauração de sociabilidades homossexuais.

A cidade aparece timidamente neste capítulo, ancorada nas reflexões propostas por Walter Benjamin acerca da experiência e de seu declínio nas sociedades modernas, abordada através do estudo dos fisionomistas e da obra de Baudelaire, como já foi citado anteriormente. No entanto, havia a necessidade de encontrar uma base teórica que legitimasse a compreensão das sociabilidades entre homens que gostam de homens na atualidade. Esta necessidade foi satisfeita a partir do estudo de parte da obra de Michel Foucault, principalmente aquela dedicada à pesquisa sobre a emergência da ciência da sexualidade nas sociedades ocidentais modernas. Curiosamente, Foucault também faz uso da noção de experiência em seus escritos e em suas entrevistas. Para o autor, especificamente no caso da homossexualidade masculina, não se trata de compreender de forma definitiva “o que somos”, de maneira a naturalizar a experiência como essencialmente biográfica e psicológica. Seus estudos sobre a sexualidade se apresentam no primeiro volume de sua inacabada História da sexualidade, em que o autor programa uma investigação exaustiva sobre a emergência da ciência da sexualidade ocidental por oposição à uma arte erótica oriental. No volume dois da citada obra, Foucault recua consideravelmente no tempo extensivo e se debruça sobre a Antiguidade greco-latina, encontrando regimes morais que evocam a preocupação clássica com os prazeres e com o corpo. Este recuo, no entanto, se justifica como um vigoroso impulso para a sua obra, uma vez que, gradativamente, se compreende que o autor esteja realizando uma genealogia do sujeito do conhecimento moderno e do próprio sujeito da sexualidade moderna. O autor realizou uma operação histórica não ortodoxa ao defender que o seu olhar sobre o passado não deveria ser compreendido como uma evocação tardia de uma ética extinta, no caso de uma desqualificação das experiências contemporâneas que se realizam entre homens. Fundamentalmente, afirmou Foucault (Eribon, 1996), sua questão se firmava como uma reflexão sobre a importância da amizade no mundo antigo e como uma defesa, em suas entrevistas e intervenções públicas, da relação que se pode estabelecer com os outros, da incorruptível felicidade que se pode experimentar através da invenção de afetos novos entre homens. De

acordo com Eribon (1996), o que Foucault defendia era que a ilegalidade e o prazer consumado nas inter-relações homossexuais são perfeitamente acatados pela sociedade como um todo. Prazer pode ser compensado através da dor e do sofrimento. Mas a felicidade não encontra nenhum tipo de contra-economia em que se veja destituída de sua valência. A idéia de uma “homossexualidade” feliz só pôde ser defendida na contraposição aos estudos essencialistas sobre a identidade homossexual. Na reflexão de Eribon (idem) percebe-se o quanto Michel Foucault buscava a imagem dos lugares mais marginais da cidade como abrigos de uma experiência da não-identidade sexual, da não coincidência do sujeito consigo mesmo e mais voltados à experimentação e à intensificação dos afetos. No capítulo 3, portanto, o trabalho se volta à apresentação dos subsídios teóricos encontrados em Michel Foucault para a defesa da homossexualidade masculina como uma experiência. Para falar de Michel Foucault, foi necessário situar sua obra e colher em diferentes registros de reflexão (textos teóricos e entrevistas) a composição de uma perspectiva original sobre o estatuto do presente. A ambição filosófica de Michel Foucault foi a de elaboração de uma ontologia do presente, a partir de uma argüição sobre aquilo que nos tornamos, seja considerando a emergência das formas de saber moderno, seja problematizando a noção de identidade sexual. De que serve a identidade sexual? Instrumento de fixação, de normatização e de subjetivação, a identidade é uma máscara, de que é preciso saber diferenciar-se a fim de se aproximar da integridade da experiência, do caráter histórico, contingente mesmo, dos afetos que se desenvolvem entre dois homens, entre grupos diversos de homens que se reúnem para celebrar o prazer, o encontro, o corpo e a transitoriedade das sensações. Dessexualização da homossexualidade masculina, provavelmente teria dito Michel Foucault, de acordo com a acepção de Eribon (ibidem). A inspiração de Michel Foucault ao trabalho atual é apresentada no capítulo 3, em que, finalmente, o objeto central da presente tese toma sua posição de protagonista. Foram compostas dezenove imagens narradas em sua temporalidade própria, a partir tanto da memória voluntária quanto da memória involuntária que se apresentou em diferentes momentos da composição do trabalho. Enquanto se deambulava pelos espaços pesquisados, uma música lembrava uma discussão que poderia ser realizada no texto teórico; enquanto se escrevia, uma lembrança teimava em surgir como exprimível. As dezenove imagens sugeridas no capítulo

3 devem ser consideradas, também, como imagens dialéticas, pois contêm em seu interior vestígios de formas de ser “gay” que transitam pela cidade, se extinguem e ressurgem em corpos recentes. Um dos exemplos mais imediatos deste tipo de problematização está na imagem sugerida sobre o corpo dos transformistas que fazem shows durante a noite em diferentes boates. O corpo dos artistas se modificou, bem como no próprio corpo da cidade, se modificou a visibilidade da experiência homossexual masculina. O trabalho busca reconhecer as formas atuais de visibilidade e de invisibilidade dos afetos desenvolvidos entre homens, pelo menos dos homens vistos e interpelados pelo olhar do pesquisador e pelo seu exercício de escrita.

Os três capítulos centrais do trabalho apresentam, portanto, os estudos benjaminianos sobre a história e a experiência; a reflexão de Benjamin sobre a *flanerie*; os estudos de Michel Foucault sobre a emergência da ciência da sexualidade nas sociedades ocidentais e a defesa de uma forma de operação histórica que não envia o pesquisador a um passado inalterável, mas que se interroga sobre a própria identidade do presente; a composição do pesquisador como um *flanêur* presente nas situações evocadas na horizontalidade e na feminilidade do texto¹ e as dezenove imagens construídas sobre o encontro entre homens em distintas cidades do Rio de Janeiro. O capítulo final, ou conclusão, relembra a proveniência das bases filosóficas dos autores principais da atual reflexão, atualizando a defesa de um diálogo profícuo entre as indagações de Walter Benjamin sobre a atualidade e a escrita e os estudos de Michel Foucault sobre a emergência da ciência da sexualidade, por intermédio de um modelo histórico intitulado genealógico, inspirado nas considerações de Nietzsche sobre a ciência histórica no século XIX. Além disso, apresenta alguns tópicos temporariamente conclusivos sobre a cidade percorrida como um texto pelo pesquisador.

¹ Reflexão proposta por Foucault acerca da relação entre linguagem e literatura, enunciada em conferência pronunciada nas Facultés Universitaires Saint-Louis em Bruxelas em 1964. Roberto Machado (2000) é um dos tradutores da conferência, em que Foucault busca caracterizar a natureza da literatura a partir de uma indagação sobre a própria linguagem, chegando a afirmar que a literatura só se realiza a partir de uma distinção em relação à linguagem ordinária, o que dá a toda obra uma situação de precariedade em relação à própria literatura, que se inaugura a cada página em branco confrontada por um autor. Nesta conferência, Foucault sugere a imagem da verticalidade dos livros em uma biblioteca em complementação à horizontalidade do que se escreve e à feminilidade das páginas em branco.

A pesquisa foi realizada em dois registros complementares, um voltado à deambulação interessada em espaços sociais diversos voltados ao público “gay” e outro voltado à enunciação conceitual no texto. Escrever foi o principal instrumento através do qual as imagens se tornaram plausíveis, ou melhor, puderam ser construídas. Não se fez uma espécie de herbário de existências anônimas e nem muito menos uma pesquisa que queira restituir a voz aos homens anônimos despercebidos pelas formas de visibilidade hegemônicas. O texto é uma forma de enunciação sensível de coisas vistas, de coisas experimentadas, de coisas inquietantes, de lembranças melancólicas ou de risos compartilhados. O texto é uma construção que busca defender a efetividade das práticas sexuais e eróticas entre homens, instituída num contexto histórico determinado, mas não limitado a ele. As indagações dos principais estudiosos citados no presente trabalho não foram utilizadas como uma barreira intransponível ao diálogo da psicologia com a vida cotidiana. Ao contrário, o texto busca abrigar a intensidade do riso e do deboche, da alegria e do cansaço, das noites e dos dias, das músicas ouvidas e dos afetos experimentados entre homens que se relacionam com homens. O texto é expressão de uma apreensão rápida de fragmentos da experiência homossexual masculina na contemporaneidade. Dessa maneira, ele busca assemelhar-se ao exercício defendido por Michel Foucault em relação à experiência homossexual: tentar encontrar uma forma de enunciação que não se restrinja ao sexo ou à identidade. Cavar no espaço aberto pelo desejo e pelo prazer, uma trilha que garanta a deambulação conjunta, entre pesquisador e leitor, para que se compreenda uma parte do tempo presente e para que não se anule em narrativas meramente extensivas a beleza do que se extingue no momento mesmo em que se escreve sobre um acontecimento ou se lembra do mesmo. O texto a seguir inspirou-se no trabalho narrativo que busca adiar a morte, mesmo reconhecendo que a transitoriedade das existências vislumbradas em suas imagens é o abrigo inquestionável de sua intensidade. Agora, o texto é uma cidade e convida o leitor a compartilhá-la com suas personagens. E a cidade também surgirá nas linhas a seguir como um texto e de sua textualidade, se procurará retirar uma fisionomia das relações entre homens na atualidade.